

O TERCEIRO LIVRO DAS *GEÓRGICAS* E A ESTRUTURA DO POEMA¹

Matheus Trevizam^{**}

Resumo:

*Neste artigo, examinamos o papel do Livro III das *Geórgicas* de Virgílio na estrutura do poema, por isso entendendo sua função como parte articulada a outras no funcionamento geral do texto. Dessa maneira, julgamos que esse Livro do poema didático de Virgílio contribui com o caráter “pessimista”, inclusive mostrado pela assustadora digressão da “Peste Nórica”, para a continuidade do quadro de alternância tonal do todo da obra. Além disso, como apresenta várias marcas formais e funcionamentos afins aos do Livro I, aquele de abertura das *Geórgicas*, configura-se estruturalmente também como uma espécie de recomeço no interno da obra, separando sua parte zoológica – Livros III e IV – da parte botânica dos Livros I e II.*

Palavras-chave: *Geórgicas; estrutura; Livro III; alternância tonal; delimitação de partes textuais.*

Apresentação da questão

Posicionando-nos sobre as *Geórgicas* de Virgílio, adentramos o âmbito do “poema da terra” do célebre autor mantuano, cujo foco de cobertura no todo se estende sobre a generalidade dos cultivos e criações itálicos de sua época: o Livro I, assim, refere-se à abordagem da difícil arte do *agricola* romano, aquele cujos *labores* facultam aos concidadãos ter o pão quoti-

* Recebido em 10/01/2013 e aceito em 15/03/2013.

** Professor de Língua e Literatura Latina na Fale-UFMG. Doutor em Linguística pelo IEL-Unicamp (2006), pós-doutor em Literaturas Clássicas pela Universidade de Paris IV/ Sorbonne (2011/ 2012). Atualmente, trabalha em seu projeto de pesquisa *Tradução e estudo literário do Livro III das *Geórgicas* de Virgílio*.

diano; o Livro II, centrando-se nos dons de Baco – uva e vinho –, faz-nos divisar também a variedade arbórea no mundo, seja ela oriunda dos planetas, seja espontaneamente advinda da fertilidade das terras; o Livro III, objeto de nossas presentes indagações pela abordagem de sua inserção no conjunto desta mesma obra virgiliana, ocupa-se dos rebanhos de grande e pequeno porte, sob aspectos que *não* acreditamos majoritariamente instrutivos de um suposto pecuarista;² o Livro IV, enfim, abre-nos a evocação do mundo diminuto das abelhas, com todos os paralelos ou diferenças diante das sociedades humanas.

A complexidade de fatores envolvidos na feitura desta obra-prima da poesia universal,³ acreditamos, muitas vezes propicia ao crítico divisar mais de uma motivação ou forma de leitura possíveis para um mesmo “fenômeno” ou parte do texto. Assim, será nosso intento, no posterior comentário sobre o papel do Livro III na arquitetura das *Geórgicas*, buscar demonstrar que tal papel se reparte, pelo menos, em duas direções, conforme o consideremos sob viés “complementar” ou “dissociador”. Referimo-nos, com o primeiro termo tomado para parte de nosso instrumental analítico, ao fato de que o alegado “pessimismo” dos livros ímpares do poema, contraponto do “otimismo” dos pares, ao favorecer uma leitura da soma dos quatro livros da obra segundo um mecanismo construtivo *constantemente* encontrado do início ao fim do texto, acaba por integrar com facilidade o terceiro livro das *Geórgicas* no todo compositivo, de maneira não fracionária em suas motivações de origem.

Em contrapartida, a existência de outra forma de alternância, *grosso modo* identificada com a relativa coincidência temática interna entre os Livros I e II – nos quais vemos desenvolvimentos em afinidade com aspectos *botânicos* – e os Livros III e IV, espaço para a abordagem de assuntos em nexos com o mundo *animal*, bem o vimos, propiciaria concomitantemente pensar na parte da obra que aqui nos interessa como um novo recomeço, como se, na verdade, houvesse alguma “ruptura” entre um e outro par de grandes partes sequenciais a comporem o todo do poema.⁴ Então, a sequência das análises buscará arrolar elementos que nos permitam atribuir ao Livro III das *Geórgicas* ora o papel de “elo” na contínua corrente em alternância de “tons” do poema, ora o de “abertura” para uma nova seção, dotada, portanto, de características tipicamente associáveis a tal função também no Livro I.

O Livro III das *Geórgicas* e a alternância de tons

A proposição de leituras que se ocupem do “tom” expressivo das *Geórgicas*, no sentido de uma obra pautada por traços de “otimismo” e/ ou de “pessimismo”, é um lugar-comum do posicionamento dos críticos que se debruçaram, perscrutadores, sobre o poema: apenas a título de exemplificação, lembramos aqui as palavras de Lancelot Patrick Wilkinson em seu clássico estudo sobre esta obra, bem como as ideias de Richard Thomas e aquelas expressas no verbete correspondente a ela na especializada *Enciclopedia Virgiliana*.

Wilkinson, então, depois ecoado por Monica Gale, manifesta-se sobre a geral questão da “alternância de tons” como um traço atinente à equilibrada estruturação clássica das *Geórgicas*:

*Ver-se-á que o que está envolvido aqui é mais do que variação. É o princípio artístico do equilíbrio e contraste, jogo mútuo entre grande e pequeno, chiaroscuro de luz e sombras, notáveis justaposições que encontraremos de alegria e horror, humor e pathos, mitologia e modernidade, elementos itálicos e estrangeiros. Tais relações também foram recentemente encontradas no arranjo das pinturas murais deste período.*⁵ (Minha tradução)

*Um dos traços “clássicos” mais notáveis das *Geórgicas* é o elegante equilíbrio de sua estrutura. Foi com frequência observado que livros “escuros” (1 e 3) se alternam com livros cujo tom é geralmente mais leve (2 e 4).*⁶ (Minha tradução)

Thomas, por sua vez, segundo um procedimento em que não foi, decerto, o único, prefere, parece-nos, centrar-se no aspecto correspondente ao do preponderante “pessimismo” do poema, pois ali se desvelaria ao público, basicamente, a luta inglória e sem garantias do *agricola* diante de uma infinda multiplicidade de “oponentes” naturais.⁷

No próprio verbete “Georgiche” da *Enciclopedia Virgiliana*, importantes elementos de ordem significativa e estrutural são-nos dados para a compreensão do papel do Livro III do poema como espécie de continuidade do plano *geralmente* estabelecido para o texto, no quesito relativo à alternância tonal. Na página 680, assim, o autor posiciona-se pela ideia do contraste entre a geral “alegria” das digressões do Livro II da obra – nelas

se incluem as passagens das *Laudes Italiae* (vv. 136-176)⁸ e das *Laudes ruris* (vv. 458-474) – e o caráter bem mais desalentador daquelas do Livro I. No último caso, podemos contar o trecho dos reinos de Júpiter, identificado com a dureza das condições atuais para todos, e o de Saturno, seu pai destronado no mítico episódio da castração pelo filho, cujo domínio, entretanto, coincidiu com uma espécie de Idade Áurea da humanidade, espontaneamente pródiga em todos os bens (vv. 118-159). Além disso, em vv. 466-497 e vv. 498-514, assistimos à evocação de sombrios acontecimentos dos tempos das Guerras Civis em Roma, de cuja fase final a redação do poema foi contemporânea: o primeiro dos trechos aqui mencionados põe em cena vários eventos agourentos que se seguiram ao assassinado de Júlio César nos idos de março de 44 a.C., enquanto o outro destaca a instabilidade política e dos destinos comuns quando o conflito ainda não se resolvera, apelando-se, até, para o socorro de Otaviano a um povo exausto de sucessivos banhos de sangue.⁹

Ora, a mesma face das digressões do Livro III apresenta-nos quadros que não se identificam, em absoluto, com aspectos dos mais risonhos dentre os possíveis para um poema de ambientação agrícola como as *Geórgicas*. Fazemos, aqui, lembrar os “painéis” narrativo-descritivos da Fatalidade do *Amor* (vv. 242-283) e, sobretudo, da Peste Nórica (vv. 474-566). No primeiro deles, de acordo com aspectos mais ou menos constantes do pensamento virgiliano pelo menos desde as *Églogas*, como bem observado por Thomas em um excerto supracitado, o instinto sexual de animais e humanos reveste-se de características, na verdade, ameaçadoras da manutenção da ordem quotidiana e, até, decididamente desagregadoras dos esforços a custo capazes de manter nossa espécie em alguma segurança diante das múltiplas hostilidades do mundo natural.¹⁰

Assim, em atendimento às difíceis e inescapáveis exigências instintivas de *Amor*, leões abandonam os filhotes nas selvas, e ursos, javalis e tigresas espalham o horror em semelhante ambiente; cavalos e porcos, de mansos, põem-se impacientes e, até, perigosos. No plano humano, Virgílio cita de passagem a lenda de Hero e Leandro, enamorado até a medula dessa sacerdotisa de Afrodite e jamais temeroso, sequer na noite de tempestade em que haveria de encontrar a morte no mar, da travessia a nado do estreito de Dardanelos para ir ter com a amada:

*Quid iuuenis, magnum cui uersat in ossibus ignem
durus amor? Nempe abruptis turbata procellis
nocte natat caeca serus freta, quem super ingens
porta tonat caeli, et scopulis inlisa reclamant
aequora; nec miseri possunt reuocare parentes,
nec moritura super crudeli funere uirgo.*

260

(*Geórgicas* III, vv. 258-263)¹¹

Na sequência, ainda lobos, cães, lince e cervos, animais pacíficos ou violentos por sua própria natureza, são indistinta e irremediavelmente arrebatados pela força de *Amor* a cada chegada da primavera. Entre os versos 266 e 270, o poeta, enfim, apresenta ao leitor o que corresponderia, talvez, ao mais forte signo desse instinto como flagelo, de maneira – observa-se no verbete da **Enciclopedia Virgiliana** – francamente evocativa das concepções lucrezianas sobre os perigos da chama passional.¹² Referimo-nos ao episódio do assassinato a dentadas de Glauco, o filho de Sísifo, pelas próprias éguas, pois ele se recusara a deixá-las acasalar-se a fim de tê-las mais vigorosas nas corridas: tratou-se, evidentemente, de uma “vingança” extrema dos animais contra o veto do dono ao natural andamento de suas inclinações “eróticas”.

Quanto à digressão da Peste Nórica, decerto ela se identifica com o mais negro pesadelo jamais retratado nos versos das **Geórgicas**. Então, em situação geográfica circunscrita ao *Noricum*, antiga província romana transalpina, surge em princípio nos animais domésticos – gado – uma estranha doença, a qual se caracteriza por sintomas crescentemente excruciantes (respiração difícil, perda de sangue pelo focinho, inchaço espantoso da língua, acometimento por acessos de fúria, dilaceração dos membros com os próprios dentes...) e por ser incurável. Aos poucos, esse mal – que não poupa, além dos cavalos, o “honesto” boi de arado, símbolo mesmo da frugalidade e dos duros labores agrícolas – acaba por propagar-se sobre lobos, cervos, peixes, focas, víboras, aves, que súbito deixam a vida com o voo nos céus... Além disso, se alguém tentara aproveitar o pelame que retirou das carcaças dos animais mortos da doença e recobrir com ele sua pele humana, em pouco tempo também se contaminou com a Peste de forma horrenda e irreparável.¹³

Importa, no quadro de desolação assim esboçado, atentar, além de para a pouca utilidade do auxílio divino – pois os sacrifícios dos nóricos em fa-

vor do apaziguamento da suposta ira dos deuses em nada parecem resultar a não ser na rejeição a seu gesto expiatório (vv. 486 *et seq.*) -, para o fato, [como ressaltara Thomas a respeito de uma plausível interpretação para os dizeres *labor omnia uicit/ improbus* (vv. 145-146), (ver nota 6)] de que esse poema, em várias ocasiões, apresenta ao público desconcertantes episódios da pouca valia do trabalho e do honesto comportamento para o alcance da felicidade. Esse é o caso da morte do boi, que arava jungido a outro, em pleno processo de trabalhar a terra, como se, ironicamente, a Peste fosse cega aos méritos ou vícios de suas vítimas, mesmo quando se trata de tocar com as mãos um verdadeiro “braço-direito”¹⁴ do agricultor.

Além das digressões, contribui para a inclusão desse terceiro livro do poema no rol de suas partes “pessimistas”, estamos seguros, também a natureza dos conteúdos nos trechos não digressivos – técnicos, portanto. Dessa maneira, assim como o Livro I, atinente aos trabalhos da lavoura, já iniciava o ano agrícola com o “gemido” dos touros que aravam com esforço,¹⁵ o Livro III faz-nos ver, nos cuidados de animais maiores ou menores, a necessidade do emprego de miúdos e numerosos cuidados. Em conformidade, pois, com os ensinamentos dos verdadeiros “agrônomos” romanos,¹⁶ é preciso que o guardador de ovelhas tome obsessivas precauções contra o contato do velo dos animais com a friagem, sob os riscos, em caso contrário, do surgimento de doenças prejudiciais à qualidade da lã (vv. 295-299):

Incipiens stabulis edico in mollibus herbam 295
carpere ouis, dum mox frondosa reducitur aestas,
et multa duram stipula filicumque manipulis
sternere subter humum, glacies ne frigida laedat
*molle pecus scabiemque ferat turpisque podagras.*¹⁷

Além disso, avisara-nos às claras o *magister* didático dessa obra de Virgílio, tratava-se nesta parte do Livro III de assunto técnico especialmente exigente para o rústico, embora não desprovido de compensações para quem bem soubesse conduzi-lo na prática.¹⁸ Na verdade, o mesmo talvez não se desse em todos os casos nas partes práticas do Livro II das *Geórgicas*, pois, ali, tinha-se por vezes a impressão de que alguns tipos arbóreos importantes, dada a exiguidade do espaço disponibilizado para seu tratamento, quase *nada* exigiam dos *labores* do *agricola*,¹⁹ ou mesmo de que, na verdade, os esforços necessários no cultivo das árvores antes se destinavam a coibir a excessiva *exuberância natural* das plantas.²⁰

Com essas afirmações, não pretendemos, em absoluto, “apagar” sumariamente o dado de que a cultura da videira, em vários versos de **Geórgicas** II, seja apresentada como um fazer oneroso do ponto de vista do empenho exigido do *agricola*; impedir-nos-ia, por exemplo, o trecho vinculado ao caráter “infindo” dos trabalhos de lavrar o solo do vinhedo:

*Est etiam ille labor curandis uitibus alter,
cui numquam exhausti satis est: namque omne
[quotannis
terque quaterque solum scindendum glaebaque uersis
aeternum frangenda bidentibus, omne leuandum 400
fronde nemus. Redit agricolis labor actus in orbem
atque in se sua per uestigia uoluitur annus.²¹*

Contudo, além do esboço da (falsa) imagem da oliveira sob os traços de uma planta, embora muito útil para o ser humano, quase desprovida da necessidade de cuidados em todas as fases de cultivo e manutenção – o que, dada a efetiva repartição econômica entre esse tipo vegetal e as vinhas como as duas mais importantes culturas arbóreas da economia itálica antiga,²² contribui para figurar no Livro II das **Geórgicas**, por assim dizer, um quadro de trabalhos já ganhos ao menos pela “metade”! –, as árvores *silvestres* também são, até certo ponto, destacadas em seu “automático” crescimento e existência:

A própria divisão das árvores entre silvestres e cultivadas assume essas circunstâncias como fatos há muito estabelecidos da vida rural: árvores frutíferas necessitam de cultivo, árvores silvestres (que são, evidentemente, úteis de várias maneiras – para madeira ou combustível, por suas nozes para consumo humano ou para a alimentação de porcos, e assim em diante) não justificam o incômodo consigo e irão, de qualquer maneira, cuidar de si mesmas bastante bem.²³

Sob tais circunstâncias, pois, nem sempre deparamos de imediato um Livro II que enfatize as duras labutas da lida campesina, mas relativa prodigalidade “espontânea”, capaz até de resultar em malefícios, por um viés diverso do de uma natureza que se nega ou é custosa de contínuos esforços para propiciar o sustento humano.²⁴ Enfim, o Livro IV, das abelhas e de seu dom a deuses e homens, o mel, descortina o espetáculo, uma vez tomadas

algumas medidas básicas de estabelecimento das colmeias – situação em meio a ervas ricas em bom néctar, material de feitura dos ninhos, favorecimento do contato com fontes de água pura e não impetuosa... –, da *autônoma* produtividade desses animais. O Livro IV também, observamos, conta com uma longa digressão relativa aos mitos entrelaçados de Orfeu e Aristeu, lendário apicultor, de modo, segundo certas interpretações,²⁵ que o desfecho desses eventos, relativos à recuperação das abelhas de Aristeu pelo gesto expiatório da *bougonia*, representa uma vitória contra a morte e mais um elemento de positividade²⁶ no panorama, tantas vezes, reforçador das maravilhas da natureza nesta parte final das **Geórgicas**.

O Livro III das *Geórgicas* como reinício de outra seção do poema

No tocante, propriamente, ao papel do Livro III como “acesso” a uma “outra porção” das **Geórgicas**, algumas palavras de Lancelot Patrick Wilkinson prestar-se-ão a introduzir-nos as breves reflexões:

*A obra vem a dar em dois pares de Livros, como o **De rerum natura** vem a dar em três; e, como Lucrecio, cada par apresenta um proêmio externo extenso, que trata de temas estranhos ao corpo didático principal, apresentando o Livro II e o IV apenas um proêmio interno curto. O proêmio ao Livro I introduz o trabalho como um todo, e há um pequeno epílogo ao fim do Livro IV.*²⁷

Como se nota, além da semelhança temática a que aludimos acima, quando de alguns comentários sobre os motivos de se poderem encaixar o Livro III e o IV das **Geórgicas** em uma mesma e, em parte, “autônoma” seção do poema, um elemento visível como o tamanho dos proêmios também nos possibilita divisar a presença de marcas formais sinalizadoras das particularidades desse par de livros. Então, do mesmo modo que o espaço textual, compreendido entre o início do extenso proêmio (vv. 1-42) do Livro I e o fim do epílogo do Livro II, delimitava o âmbito vegetal desta obra de teor agrícola, aquele identificado com os versos escritos desde a abertura do longo proêmio (vv. 1-48) do Livro III até o epílogo do IV abrangia o mundo já *animado* dos coadjuvantes dos humanos na lida da terra.

Além disso, os Livros III e IV apresentam o mesmo número de versos (566 cada), em contraposição ao número desigual dos dois livros do início

das **Geórgicas** (Livro I: 514 v.; Livro II: 542 v.) no mesmo quesito. Outra particularidade indicadora da “cisão” entre os dois livros iniciais e os dois finais diz respeito à problemática dos “blocos” temáticos internos a cada um deles, como nos informa a **Enciclopedia Virgiliana**: por esse termo técnico da filologia, devemos entender as sequenciais e pequenas seções em que se divide a obra a cada um de seus livros, os quais se delimitam pela circunscrição dos assuntos rústicos sucessivamente tratados. Com efeito, embora semelhante procedimento de dividir “todos” em partes não deixe de apresentar certo grau de arbitrariedade, as análises de estudiosos como Drew (1929), Norwood (1940-1941), Otis (1964) e Pridik (1971 e 1980) revelaram, para os Livros I e II, a existência de sete blocos cada; para os Livros III e IV, respectivamente, de cinco e nove blocos. A somatória de tais parcelas do primeiro e do segundo par de livros, porém – esse último desigualmente composto em tal quesito, pode-se notar –, sempre resulta no total de quatorze blocos (Ver DELLA CORTE, 1985, p. 689).

Também cremos de importância ressaltar com Hardie (ver nota 1) – que se posicionou sobre a estrutura das **Geórgicas** em obra introdutória, mas bem documentada em suas fontes críticas mais profundas – que esse poema se constrói em crescente complexidade dos elementos naturais envolvidos na interação com o rústico – terra/ plantas rasteiras/ cereais (Livro I), árvores (Livro II), muitas vezes antropomorfizadas ou dotadas de traços “animalescos”,²⁸ animais de rebanho de grande ou pequeno porte (Livro III), abelhas (Livro IV), cuja vida não deixa de apresentar importantes paralelos com as sociedades humanas, pois trabalham organizadas, têm reis, travam batalhas...²⁹ Ora, apesar da existência de traços de vida fervilhante em todos os livros das **Geórgicas**, de maneira que nela se emprestem, ao menos metaforicamente, características ativas e “personalidade” até a meras plantas, há que se ter com clareza em mente a efetiva concentração de seres dotados de alguma capacidade de ação autônoma, na verdade – os animais –, nos últimos livros da obra.

Por fim, como bem observou Hardie, o fim do Livro III, com o quadro de completa aniquilação no *Noricum*, é “retomado”, como que para resolver-se, no meio do Livro IV, quando morrem as abelhas de Aristeu e se contam mitos com fins de esclarecimento etiológico da técnica da *bougonia*, pela qual se regeneram esses seres através da putrefação cadavérica de novilhos (HARDIE, 1998, p. 49). Portanto, como cada um dos dois pares de livros do poema apresenta um próêmio inicial notoriamente mais

extenso que aqueles, de imediato, seguintes, um epílogo específico ao fim dos sucessivos livros pares e os todos estruturais duas vezes assim constituídos, esperamos ter demonstrado, “encerram” elementos internos afins, cuja natureza não se esgota na mera superficialidade do aspecto temático, julgamos também conveniente falar em função indicadora de um *recomeço* quando nos posicionamos sobre o papel de **Geórgicas III**.

LE TROISIÈME LIVRE DES *GÉORGIQUES* ET LA STRUCTURE DU POÈME

Résumé: Dans cet article, nous considérons le rôle du livre III des *Géorgiques* de Virgile dans la structure du poème, c'est-à-dire sa fonction de partie articulée aux autres dans le fonctionnement général du texte. De cette façon, nous pensons que ce livre du poème didactique de Virgile contribue, à cause du caractère «pessimiste» aussi affiché par l'affreuse digression de la «Peste Norique», à la continuité du tableau d'alternance tonale de l'ensemble de l'ouvrage. Par ailleurs, comme il nous présente plusieurs signes formels et fonctionnements harmonisés à ceux du livre I, celui de l'ouverture des *Géorgiques*, il se configure, structurellement, aussi comme un genre de nouveau début à l'intérieur de l'ouvrage, séparant sa partie zoologique – livres III et IV – de la partie botanique, celle des livres I et II.

Mots-clés: *Géorgiques*; structure; livre III; alternance tonale; délimitation de parties textuelles.

Documentação textual

VARRON. *Économie rurale*: livre II. Texte établi et traduit par C. Guiraud. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

VIRGIL. *Georgics*: v. I - Books 1-2. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

VIRGILE. *Géorgiques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

VIRGILIO. *Georgiche*. A cura di A. Barchiesi, introduzione di G. B. Conte. Milano: Mondadori, 1983.

Referências bibliográficas

- DALZELL, A. **The criticism of didactic poetry: essays on Lucretius, Virgil and Ovid.** Toronto/ Buffalo/ London: University of Toronto Press, 1996.
- DELLA CORTE, Francesco. (Dir.) **Enciclopedia Virgiliana.** (Vol. II). Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1985.
- GALE, M. **Virgil on the nature of things.** Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- GRIFFIN, J. The fourth "Georgic", Virgil and Rome. *In:* VOLK, K. (Org.) **Vergil's "Georgics": Oxford readings in Classical Studies.** Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 225-243.
- HARDIE, P. **Virgil.** Greece and Rome: new surveys in the classics number 28. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- MORGAN, L. **Patterns of redemption in Virgil's "Georgics".** Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- OTIS, B. **Virgil: a study in civilized poetry.** Norman: Oklahoma University Press, 1995.
- ROSS Jr., D. O. **Virgil's elements: physics and poetry in the "Georgics".** Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1987.
- SIRAGO, V. **Storia agraria romana: I - fase ascensionale.** Napoli: Liguori Editore, 1995.
- TREVIZAM, M. O "estilo subjetivo" virgiliano e a tradução portuguesa do mito de Orfeu nas *Geórgicas* de Antônio Feliciano de Castilho. **Revista do Centro de Estudos Portugueses**, Belo Horizonte, v. 29, n. 41, p. 69-87, jan.-jun./2009a.
- _____. Virgílio leitor de Varrão: a apropriação crítica do legado varroniano nas "Geórgicas". **Phaos**, Campinas, v. IX, p. 53-64, 2009b.
- VOLK, K. Introduction. *In:* _____ (Org.) **Vergil's "Georgics": Oxford readings in Classical Studies.** Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 1-13.
- WILKINSON, L. P. **The "Georgics" of Virgil: a critical survey.** Norman: Oklahoma University Press, 1997.

¹ Este texto originalmente foi apresentado como palestra no IEL-Unicamp em dezembro de 2012, tendo, posteriormente, sofrido acréscimos e correções. Agradeço à profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso, da instituição mencionada, pelas úteis sugestões que, aqui, resultaram em melhoras. Meus agradecimentos também ao prof. Dr. François Prost (Université Paris IV/ Sorbonne - França), pelo incentivo e sugestões linguísticas.

² Assim, Alexander Dalzell (1996, p. 107) observou que os cavalos, embora não tão presentes na lida quotidiana da Itália rural antiga, recebem amplo tratamento no Livro III das **Geórgicas**, enquanto que os burros, sempre utilizados então para tração de máquinas e transporte, encontram-se *ausentes* dessa mesma parte do texto. Ora, trata-se claramente de uma respectiva inclusão e exclusão motivada por questões literárias, pois, pode-se imaginar, não é tão difícil e “improdutivo”, poeticamente, abordar a criação de cavalos quanto a de asininos, já que os primeiros correspondem a animais nobres, de caráter marcial e até mítico, enquanto os seguintes não passam de meros instrumentos da realidade quotidiana.

³ Katharina Volk, organizadora do volume de *Oxford readings in Classical Studies* dedicado às **Geórgicas**, observa na Introdução (2008, p. 2) que a falta de consenso crítico sobre a obra, dada sua enorme complexidade e, mesmo, o caráter labiríntico da constituição de sentidos inerente a ela, tem sido notada por importantes críticos: “As for the **Georgics**, Philip Hardie remark about the story of Aristaeus – that ‘to insist on a single interpretation may be to do violence to this polymorphous and Protean text’ (1998, p. 45) – could easily be extended to the poem as a whole, about which Hardie concludes that ‘many contemporary readers are left feeling that this is a text with more problems than answers’ (52). However, the very elusiveness of the work contributes to its greatness, as maintained, among others, by William W. Batstone, who writes that ‘the diversity of compelling interpretations is part of the **Georgics** larger value and meaning’” (1997, p. 125).

⁴ “The four books, which together trace an upward progress from the earth and the next to inanimate field crops to the bees and the concluding narratives of human loss and recovery, may be divided into two halves (vegetable vs. animal), or grouped by alternate books, with the contrast between ‘the relative gaiety and lightness of Books II and IV’ and ‘the sombre and heavy character of I and III’” (HARDIE, 1998, p. 49).

⁵ “It will be seen that what is involved here is more than variation. It is artistic principle of balance and contrast, interplay of great and small, “chiaroscuro” of light and shade, striking juxtapositions which we shall find of gaiety and grimness, humor and pathos, mythology and modernity, Italian and foreign. Such relationships have also recently been detected in the arrangement of wall-paintings of this period” (WILKINSON, 1997, p. 72).

⁶ “One of the most strikingly ‘classical’ features of the **Georgics** is the elegant balance of its structure. It has often been observed that ‘dark’ books (1 and 3) alternate with books which are generally lighter in mood (2 and 4)” (GALE, 2000, p. 18).

⁷ “*labor omnia uicit/ improbus et duris urgens in rebus egestas*” (VIRGIL. **Georgics**, vv.145-6) R.F. Thomas, nessa tradução escreve: “these most crucial lines of the poem have been made to say what they do not, so that the poem may say what it does not. (...) Alternatively, some translate: ‘Grim toil overcame all difficulties...’ Two objections prevent this: (a) in this poem (as in life) toil does not overcome all difficulties: the farmer’s crops are destroyed by sudden, unreasonable storms (3.11-34), the oxen succumb to plague in spite of their toil (*quid labor aut benefacta inuuant?*, 3.525), as do the bees, those instruments of labor (4.184), and, finally, Orpheus suffers the same fate (*omnis/ effusus labor*, 4.491-2). In these key sections of the poem *labor* does not of itself guarantee success, and it would be strange if a poet such as Virgil here claimed that it did; (b) the realities of labor and its susceptibility to failure provide the major theme of the poem, just as, in **Eclogue** 10, and throughout much of that collection, it is *amor*, and man’s inability to free himself from love’s power, that concern V. (themes which still matter in the *Georgics*). (...) The meaning is ‘Insatiable toil occupied all areas of existence’ – not a comfortable notion, but one consonant with the Latin, and with the poem, which proceeds to explore man’s confrontation of this reality” (p. 92-93).

⁸ Em contribuição *sui generis* para a leitura literária das **Geórgicas**, David O. Ross Jr. (1987, p. 115-119) propôs análises em que se evidenciam, curiosamente, as “mentiras” do poeta no confronto entre as palavras do elogio da Itália – Livro II – e a realidade factual da natureza e do meio social naquela região antiga. Assim, observa, a ninguém minimamente informado passaria despercebido que não pode haver na Península “primaveras eternas”, como Virgílio declarara em v. 149; além disso, ao contrário de suas respectivas afirmações (v. 150, v. 152, vv. 153-154), as árvores, na “vida real”, bem como as ovelhas, apenas dão seus frutos (ou crias) uma vez ao ano, os acônitos, tipo de planta venenosa, na verdade *brotam* na Itália (como já observara perplexo Mário Sérgio Honorato, atento comentador de Virgílio no século IV d.C.), e também há serpentes peçonhentas naquelas paragens. Do ponto de vista humano, não se poderia praticar a mineração (vv. 165-166) como opulenta atividade econômica na Itália, pois nunca se encontraram ali, na verdade, grandes jazidas de metais *preciosos*; por outro lado, Otaviano Augusto jamais tentou uma expedição militar contra a Índia, segundo breve comentário de Virgílio (vv. 171-172), ainda ocorrendo evidente contraste entre a imagem, em outras partes das **Geórgicas**, belicosa da Índia (II, v. 125: *Et gens illa quidem sumptis non tarda pharetris*. – “E aquele povo, decerto, não é lento ao tomar aljavas”.). e o que vemos em v. 172, internamente a este elogio (*imbellem... Indum* – “desarmado... hindu”). Portanto, modaliza-se ao menos, pelo viés das “mentiras” de uma digressão como

a das *Laudes Italiae*, algo como uma imagem compactamente “risonha” do Livro II do poema aqui analisado.

⁹ “At 469 begins the recital of portents, other than of the Sun, which followed Caesar’s murder, and 489 (*ergo*) identifies the disaster that followed, Philippi. Praying that Octavian may be spared to redeem the state, Virgil enlarges again on its troubles, linking them with his main subject (...) and the Book ends with a simile that is parallel to that which ended the first Part, of the man struggling in the boat and always in danger of being swept away” (WILKINSON, 1997, p. 84)

¹⁰ “Portanto, o sexo, nas páginas do **De re rustica**, não se revestia, em princípio, dos tons alarmantes amiúde encontrados nas **Geórgicas**, conservando-se, antes, no plano corriqueiro da normalidade da vida em *fundi rustici* onde eram frutíferas as relações entre os animais (ou, com fins específicos, entre os escravos humanos) para manter plantéis ou comercializá-los” (TREVIZAM, 2009b, p. 87).

¹¹ “E o jovem, em cujos ossos o duro amor/ revolve o fogo? Decerto, desabando tempestades, por mares/ perturbados nada tarde na noite escura; sobre ele,/ a enorme porta do céu tropeja, e ondas quebradas nos escolhos/ chamam; nem podem revocá-lo os pobres pais,/ nem a virgem por também morrer de crua morte”(Geórgicas III, vv. 258-263 – minha tradução).

¹² “L’amore, concepito lucrezianamente come uno stato di follia, si dimostra come un flagello, cui nessun essere mortale può sottrarsi” (DELLA CORTE, 1985, p. 683).

¹³ Cf. WILKINSON, 1997, p. 99-100: Only as the result of wholesale burials did the plague finally subside. But even so, contagion could live on in wool and pelts, now to infect humans also; and with a description of revolting symptoms the Book ends.

¹⁴ “We find numerous references in ancient texts to a pre-eminence among domestic animals attributed to the ox which is such as to accord oxen a status almost equivalent to humans. According to Varro (*‘Rust’*. 2.5.3; cf. Columella 6 praef. 7), killing an ox had in the past been a capital offence. The ox was the *socius hominum in rustico opere*, ‘the partner of mankind in agricultural work’, and as such equivalent to, and as inviolable as, a human fellow-worker” (MORGAN, 1999, p. 109).

¹⁵ “*Vere nouo, gelidus canis cum montibus umor/ liquitur et Zephyro putris se gleba resoluit, depresso incipiat iam tum mihi taurus aratro/ ingemere, et sulco adtritrus splendescere uomer*” – “No início da primavera, quando a água congelada se derrete nos montes/ brancos e a gleba quebradiça é desfeita por Zéfiro,/ já me comece o touro a gemer, rebaixado o arado,/ e a relha, friccionada pelo sulco, a brilhar” (Geórgicas I, vv. 43-46 – minha tradução).

¹⁶ “*Vbi stent, solum oportet esse eruderatum et proclium, ut euerri facile possit ac fieri purum. Non enim solum ea uligo lanam corrumpit ouium, sed etiam unguas,*

ac scabras fieri cogit” – “É preciso que o solo onde ficam seja desentulhado e em declive, para que possa facilmente ser varrido e tornar-se limpo. Com efeito, a umidade estraga não só a lã das ovelhas, mas também os cascos, e fã-las ficarem com sarna” (VARRÃO. *De re rustica* II, III – minha tradução).

¹⁷“De início, nos estábulos confortáveis, ordeno que pastem/ a relva as ovelhas até logo tornar o verão frondoso./ muitas hastes e fetos em mancheias sobre/ o duro chão estender, para que o frio gelo não fira/ o delicado rebanho e cause a sarna e a gota vergonhosa” (Geórgicas III, vv. 295-299 – minha tradução).

¹⁸“*Hic labor; hinc laudem fortes sperate coloni*” – “É trabalhoso, mas daqui esperai a glória, corajosos fazendeiros” (Geórgicas III, v. 288 – minha tradução).

¹⁹““By contrast, olives need no cultivation’. Virgil’s brief dismissal is not supported by the agronomists. The olive may not require as much work as the vine (but see 420n.), yet that hardly justifies, from the technical point of view, the fact that the vine occupies 150 lines, while the olive receives a mere six. (...) The success of *labor* in Book 2 is virtually synonymous with successful viticulture, while the olive is (falsely) removed from the area of *labor* – that is the import of the words *non ulla... cultura* at 420; V., against the facts, presents the growing of olives as an effortless enterprise, placing them in a category with uncultivated trees (426n.), whereas in reality it is, like the vine, a highly cultivated tree” (THOMAS *Sapud VIRGIL*, 1994, p. 235).

²⁰“*Inde ubi iam ualidis amplexae stirpibus ulmos/ exierint, tum stringe comas, tum bracchia tonde;/ ante reformidant ferrum: tum denique dura/ exerce imperia et ramos compesce fluentisi*” – “Daí, quando já saírem com ramos vigorosos/ a enlaçar os olmeiros, então corta a cabeleira, então amputa os braços;/ antes, muito temem o ferro: então, enfim, exerce/ um duro poder e reprime os ramos fluentes” (Geórgicas II, vv. 367-370 – minha tradução).

²¹“Há ainda aquele outro trabalho do cuidado das vinhas,/ o qual nunca está suficientemente terminado: com efeito, a cada ano/ todo o solo três e quatro vezes deve ser fendido e os torrões quebrados/ virando-se as enxadas, todo o bosque/ deve ser aliviado das folhas. O trabalho feito volta em círculo para os agricultores,/ gira o ano sobre si por suas próprias pegadas” (Geórgicas II, vv. 397-402 – minha tradução).

²² No *De agri cultura* de Catão Censor, assim, oliveiras e parreiras recebem destaque dentre as produções agrícolas vegetais tratadas, pois, com os produtos do azeite e do vinho, destinavam-se a rendosos fins comerciais de exportação (cf. SIRAGO, 1995, p. 246: “La campagna perde lo scopo dell’autoconsumo e mira alla produzione specializzata, col principale prodotto destinato all’esportazione”).

²³ “The very division of trees into wild and cultivated assumes these circumstances as long established facts of rural life: fruitful trees required cultivation, wild trees

(which are of course useful in a number of ways – for lumber or fuel, or for their nuts for human consumption or for pig fodder, and so on) aren't worth bothering with and will in any case take care of themselves pretty well" (ROSS Jr., 1987, p. 100-101).

²⁴ Confrontados com a tarefa de descrever estes funcionamentos das **Geórgicas**, texto multiplamente constituído em seus sentidos, não nos vemos diante de uma tarefa *fácil*. Apesar de nossa argumentação até aqui e do que dissera Ross nas páginas 100-101 de sua obra supracitada – ver nota 23 –, acrescentamos que o próprio crítico depois menciona haver, em II, 61-62, referências ao caráter trabalhoso do contato humano com *quaisquer* árvores, naturais ou cultivadas, a cujo proveito se anseie (“*Scilicet omnibus est labor impendendus, et omnes/ cogendae in sulcum ac multa mercede domandae*” – “Naturalmente o esforço deve ser dedicado a todas, e todas/ devem ser reunidas num sulco e dominadas com muito custo”. – tradução minha). Desse modo, é sempre mais prudente manter as expectativas sobre a eficácia da ideia da alternância de tons no poema, entre “pessimismo” e “otimismo”, dentro dos limites de algo viável, sobretudo, em uma abordagem prévia e introdutória do texto, jamais de todo definitiva.

²⁵ “Há, sim, uma oposição entre poesia geórgica e poesia de amor que nasce da oposição entre ‘situação prática’ e ‘situação contemplativa’ (essa resulta ineficaz e perecível). Mas a oposição que orienta aqui o sentido do texto não é tanto aquela que põe em confronto duas formas de poesia para que lhes sejam singular e respectivamente delimitados, por diferença, os conteúdos e a linguagem (é essa a função que cumpre nas **Bucólicas** a écloga final). O verdadeiro confronto aqui é entre duas maneiras diversas de fazer poesia, e deseja mediar a diferença irredutível entre dois modos de vida” (p. XXIX-XXX – minha tradução). Neste trecho introdutório à tradução das **Geórgicas** de Alessandro Barchiesi, Gian Biaggio Conte manifesta suas opiniões sobre Orfeu e Aristeu como símbolos do poeta e do *agricola* romano, correspondendo o modo de vida de um a uma estéril contemplação e o de outro, apesar de eventuais percalços, a algo, enfim, como que *fadado ao sucesso*. A questão interpretativa desse “fecho” das **Geórgicas**, porém, não é, de modo algum, simples ou facilmente passível de definitiva conclusão.

²⁶ Contudo, existem críticos discordantes da total anuência de Virgílio aos valores encarnados, ao fim das **Geórgicas**, na diligente figura do rústico que se identifica com Aristeu, filho de Apolo e mítico apicultor/ descobridor da criação de abelhas. Tais refutações, em sua face mais concreta, dizem respeito a algumas análises estilísticas do relato do mito de Orfeu no interno do *epyllion* correspondente, pois, entre outros elementos favoráveis possíveis, parece haver certa “confusão” e empatia entre o próprio Virgílio/ deus Proteu/ narrador e a figura do cantor amoroso identificado com Orfeu enamorado de Eurídice. “E, no nível do agenciamento dos recursos linguístico-discursivos do ‘estilo subjetivo’, põem-se sob luz especial pon-

tos como os seguintes: no verso 457, o pronome pessoal *te* é endereçado de Proteu a Aristeu, que o ouve para informar-se das causas da perda de suas abelhas; nos versos 465-466, por outro lado, de forma muito enfática (gerando repetições, anáfora, aliterações e assonâncias!), o mesmo *te* se volta para ninguém menos que Eurídice morta: *te, dulcis coniunx, te solo in litore secum, / te ueniente die, te decedente ca-nebat*. Neste caso, a voz do narrador (o deus Proteu) como que se confunde com a de Orfeu enamorado, pois, sabemos, quem não desistia de chamar obsessivo essa mulher era o próprio marido..." (TREVIZAM, 2009a, p. 75-76). As análises que reproduzimos no artigo citado nesta nota, enfim, provêm originalmente de Brooks Otis (1995, p. 200-203).

²⁷ "The work falls into two pairs of books, as the **De rerum natura** falls into three; and, as Lucretius, each pair has an extensive 'external' proem dealing with matter extraneous to the main didactic body, the Second and Fourth Books having only a short 'internal' proem. The proem to Book I introduces the work as a whole, and there is a short epilogue at the end of Book 4" (WILKINSON, 1997, p. 92).

²⁸ Em **Geórgicas** II, v. 118, fala-se de madeiras perfumadas que "suam" (*odorato... sudantia ligno*); em vv. 120 e 121 deste livro, ainda, das "lãs macias" (*molli... lana*) dos algodoeiros arbóreos da Etiópia e dos "velos delicados" (*uelleraque... tenuia*) que os chineses penteiam das folhas, em alusão à retirada dos fios da seda dos casulos de lagartas.

²⁹ "Virgil did not want to connect his bees, inspired though they are, with poetry or song. They exhibit many great virtues, but they are not poetical, and they are free from the bitter-sweet pains and pleasures of love ("Ecl". 3.110; "G". 4.198 ff.). In both they contrast clearly with Orpheus, the fabulous singer who dies for love (and who in this poem is never shown as doing any work or having any other function than song). The virtues they exhibit are indeed the virtues of the old Roman people; but so are their deficiencies. Rome, great in mores antique, was not a home of the arts, in the view of the Augustans, until '*Graecia capta ferum uictorem cepit et artes / intulit agresti Latio*' – 'Captive Greece led her rude conqueror captive and brought the arts to uncouth Latium'" (GRIFFIN, 2008, p. 231).